



## **“GOSTO QUANDO ME TRATAM COMO MULHER NA CAMA”: PROCESSO DE PAQUERA DAS TRAVESTIS NO INTERIOR SERGIPANO**

**Diego Ramon Souza Pereira**<sup>1</sup>

**Resumo:** Esta comunicação tem o intuito de compreender o processo de paquera realizado pelas travestis na cidade de Itabaianinha, interior do estado de Sergipe. A pesquisa teve por objetivo verificar como as variantes prestígio social, autonomia financeira, idade, elementos femininos ou mudanças corpóreas, são manipulados ou forjados no processo de paquera entre estas travestis. Para tanto, foram realizadas etnografias do processo de paquera, além de entrevistas semi-estruturadas com duas travestis. Tais dados foram analisados tendo por base uma literatura sobre corporeidade, técnicas corporais e estigma. O foco desta apresentação é o protagonismo ou a inserção da travesti neste processo de paquera homossexual e não a prostituição.

**Palavras-chave:** Paquera, Sergipe, Travestis

### **1. Traços iniciais**

Esta comunicação é um desdobramento inicial da pesquisa **“Técnicas corporais”**: **O processo de paquera entre homossexuais masculinos no interior sergipano**, realizada pelo autor do artigo sob orientação do Dr. Luiz Gustavo P. S. Carvalho. Tal pesquisa possuiu o intuito de verificar como as variantes: prestígio social, autonomia financeira, idade, elementos femininos ou mudanças corpóreas, o binarismo “bofe versus mona”<sup>2</sup> e correlatos, são manipulados ou forjados no processo de paquera entre homossexuais masculinos em cidades do interior de Sergipe.

---

<sup>1</sup> Discente da licenciatura em Ciências Sociais da Universidade Federal de Sergipe (UFS), membro do Grupo de Estudos e Pesquisas em Sexualidades – GEPSEX/UFS e voluntário do Grupo de Pesquisa e Extensão em Sociologia em Sergipe – GPESSE/GPEA, e-mail: diegoramonsouza@gmail.com

<sup>2</sup> Estas categorias analíticas bofes e monas aparecem no universo dos homossexuais masculinos, como forma de nomear os agentes da relação sexual, o **bofe** é o rapaz que não possui traços femininos e que não se auto-declara homossexual. Já a **mona** geralmente possui traços femininos e se auto-declara homossexual.

O que será aqui evidenciado é o protagonismo ou a inserção da travesti neste processo de paquera, não será tratada a prostituição uma vez que as sujeitas<sup>3</sup> pesquisadas não exercitam tal prática laboral. É válido ressaltar que foi relatado por elas que algumas vezes determinados homens, especialmente os com maior idade, pagam uma bebida ou oferecem algo, em troca de uma relação sexual fortuita e de acordo com uma das atrizes sociais “... sem sentimento”. Todavia, tal prática é vista pelas sujeitas pesquisadas como “... uma lembrança” ou “... estamos fazendo um favor (...) temos que ganhar algo em troca” mesmo assim para elas isso não se configura como prostituição.

As sujeitas aqui relatadas serão duas (Sheilla e Michele)<sup>4</sup>, pois entendemos que ambas são importantes para perceber a dinâmica de paquera ou da conquista do sexo casual com homens na cidade de Itabaianinha-Sergipe. Esta cidade foi escolhida para sediar a pesquisa por alguns motivos: aproximação do pesquisador com os sujeitos homossexuais desta e um elevado índice de travestis que vão para fora do país (exemplo, ambas as sujeitas relatadas já tentaram ir para a Europa).

Para entender este processo tão peculiar e subjetivo que é o da paquera, foi se utilizado de uma entrevista semi-estruturada para verificar quem são essas sujeitas paqueradoras e também quem é o público paquerado, assim como foi usado observação direta para perceber as nuances deste processo que não foram evidenciados ou que não ficaram expostas na entrevista.

O presente trabalho está estruturado em três divisões principais: inserção no campo, a revisão da literatura em diálogo com as falas das sujeitas, tal seção será subdividida em três eixos, e as considerações finais.

## **2. Inserção no campo**

O terreno para a pesquisa encontrava-se fértil, a cidade (Itabaianinha) estava em festa era o “Itafofia”, o que pode ser entendido como um carnaval fora de época com trios e blocos de camisas coloridas com bandas de pagodes durante a noite e durante o dia, o comércio abria suas portas, as senhoras ficavam na entrada de suas casas

---

<sup>3</sup> Uma vez que na há, na Língua Portuguesa, o termo “sujeitas”, apenas *sujeitos*, faz se necessário explicar os motivos pelo qual uso tal neologismo. As travestis gostam de ser tratadas no feminino por isso ao longo da pesquisa optei por utilizar tal termo para se referir as mesmas e assim farei ao longo de toda a comunicação.

<sup>4</sup> Os nomes utilizados na comunicação serão usados no escopo de preservar os nomes sociais ou de registro destas sujeitas pesquisadas, por conta disso são nomes fictícios.

observando o que acontecia e eu a perceber como bofes e monas se cruzavam pelas ruas, como que marcavam os encontros para a noite. Percebia como durante o dia por meio de olhares ou frases curtas, para que as demais pessoas não percebessem a aproximação e depois ficassem comentando ou maldizendo daquele bofe que dava trela para a mona, acontecia toda uma preparação que poderia a vir a se concretizar ou não, durante a noite.

Foi neste contexto que eu me inseri no campo, dentro de um grupo de homossexuais masculinos que se autodeclararam as “panteras de Ita”, segundo um dos integrantes a explicação para o nome do grupo é por ser formado por três monas, remetendo ao filme estadunidense traduzido no Brasil como “As Panteras”. Foi por meio deste grupo que fui conhecendo os demais homossexuais da pesquisa inclusive as duas travestis aqui descritas (Sheilla e Michele).

A Michele ficou muito empolgada com a pesquisa, queria contar como que “... se pesca em Itabaianinha” (fala dela). Em relação à entrevista com Sheilla houve uma negociação por ela não querer falar sobre sua vida, tive que recorrer ao intermédio de outros homossexuais para que ela pudesse contar sobre o seu processo de paquera.

Michele possui trinta e dois anos de idade, reside nesta cidade a vinte e quatro anos. Ela relatou que acabou sendo expulsa de casa pela mãe aos oito anos de idade, a qual foi diretamente morar na rua, pois os parentes próximos que residiam na cidade não a queriam, segundo a mesma “... ter um viado em sua casa...”, passou alguns anos na rua, até que por volta dos seus dez a onze anos foi acolhida por uma senhora. Nesta época Michele ainda não se vestia como mulher e nem tomava hormônio, coisas que só foram acontecer a partir dos quinze anos.

Depois de ter sido molestada por alguns rapazes mais velhos, todos parentes desta senhora, ela saiu da casa, mas nunca havia se queixado sobre esses abusos, segundo ela,

Eu gostava do que os homi fazia comigo, eles me tratavam como mulê, eu adorava e as vezes eu até procurava. Gostava de dar meu tubi<sup>5</sup> pra eles (...) eles diziam: -Não conte pra ninguém se não eu te pego. Eu não contava pra a dona, mas eu dizia pra outras bichinhas que eu andava (...) eu adorava quando me tratavam como mulher na cama... [trecho da entrevista feita]

---

<sup>5</sup> Tubi é o termo que os homossexuais e as travestis, que fizeram parte da pesquisa, se referem ao ânus.

É válido salientar que “o tratar como mulher”, conforme aparece no fragmento acima reforça a idéia de Simmel (1993), o qual no capítulo sobre Cultura feminina, ele menciona que as atribuições masculinas e femininas em alguns contextos sociais são bem marcadas, o que aconteceu na vida de Michele fazendo atividades domésticas a aproximou das atividades femininas e a forma de tratamento que os rapazes referiram se a ela efetivou tal papel. A partir disso dá para se entender que a passagem da homossexualidade para a travestilidade na vida de Michele foi a “libertação”, já que segundo ela

eles já me tratavam como mulher, aí resolvi logo ser, comecei a colocar roupa feminina e tinha outra trava aqui que me deu os hormônios, então comecei a tomar e parei logo, pois estava fazendo muito mal, por isso você pode ver quase não tenho peito e nem bunda, o que fiz foi deixar crescer meu cabelo... [fala de Michele].

E em relação a Sheilla, ela não quis dizer precisamente a idade, estando segundo ela entre os vinte seis e os trinta anos, o que podemos entender que ambas as protagonistas são contemporâneas na cidade. Ela nasceu e se criou na cidade de Itabainha, já fez algumas viagens para outras cidades e até para fora do país, especialmente a Itália, mas tudo isso ocorreu depois dos dezoito anos. A feminilização do seu corpo (tomada de hormônio, o uso de roupas femininas e o crescimento do seu cabelo) ocorreu a partir de sua estadia durante dois anos no estado de São Paulo.

Ela relatou que após o seu retorno aumentou consideravelmente os atos de violência física ou verbal, entretanto segundo ela “... hoje eles têm que me engolir, pois dei a volta por cima deles...” [fala de Sheilla]. Atualmente ela tem um espaço de prestígio social, pois é uma cabeleira conhecida e disputada pelas mulheres da cidade assim como é uma das poucas universitárias daquele local.

Michele tem o comportamento oposto, pois já protagonizou diversas cenas de alcoolismo em festas na cidade, por exemplo, em um dos dias do festejo supracitado, “Itafolia”, a referida travesti foi encontrada bêbada, desacordada, no chão de um bar no circuito do festejo.

Por esses e outros elementos, como o próprio exercício laboral de ser gari, a coloca em uma situação de desprestígio social quando comparada à Sheilla. E isso fica nítido nas falas dos demais homossexuais entrevistados, os quais se referem à Sheilla como uma mãe, sendo muitas vezes batizadas com seus nomes sociais por ela, já em relação à Michele eles correm de sua presença, sentem vergonha dela, a mim foi dito várias vezes “... corre mona, lá vem Michele”. Segundo eles Michele já protagonizou

diversas cenas desagradáveis. Mesmo com estas diferenças, ambas possuem pontos de similitude: são independentes financeiramente, possuem as suas próprias casas e já tentaram ir para a Itália.

De acordo com este panorama pode se evidenciar que em um pólo está uma travesti aceita socialmente, mesmo que de forma aparente, bem sucedida, morando em uma área nobre da cidade, transita nos contextos sociais elitizados daquele local e na outra extremidade, temos uma sujeita que é gari, criada fora do seio familiar, reside próximo da feira da cidade, local de residências humildes e de diversos terrenos baldios, sendo uma área considerada perigosa durante o período noturno.

Tal status social acaba repercutindo nos locais de paquera e no perfil dos homens paquerados. A Michele informou que sai para paquerar em bregas, bares, e geralmente transa em casas abandonadas ou em terrenos baldios, segundo ela “... só quando o bofe é bom eu trago pra casa(...), mas isso é raro (...) tem uma monas aqui que fica dando dinheiro e acostuma esses meninos com o dinheiro (...) isso é uó” [fala da Michele]. Já Sheilla, os rapazes vão ao seu salão durante o dia para informar que aparecerão à noite em sua casa, ou dizendo quando voltarão. Por conhecer quase todas as pessoas da cidade, sabe rapidamente se o rapaz é confiável, o que ele sexualmente gosta de fazer durante a relação, se ele beija na boca, se é carinhoso, quantos centímetros possui seu pênis, se já teve caso ou já transou com outro guei, enfim uma ficha completa da vida sexual do rapaz. Ela raramente sai para paquerar, e sobre as preferências dos rapazes, ela disse “... os bofes gostam de mulher mona, não é de bicha homem, isso daí é pra bater bolacha...” [fala de Sheilla].

Segundo Sheilla, mais Michele também evidenciou, os rapazes gostam de homossexuais femininos ou travestis, eles não gostam de homossexual que fala grosso ou que possua barba, elementos que remetem ao universo masculino. Por isso de acordo com Sheilla quem gosta de outro homem é homossexual, o que elas chamam de “... bater bolacha”. Ambas se percebem como mulheres, encontram-se no papel de submissão, de passivo, mesmo que elas cheguem a penetrar tais rapazes, elas continuam se percebendo como mulheres e os outros, são rapazes que não são vistos como homossexuais.

### **3. O que a literatura nos diz?**

A primeira particularidade da travesti é a feminilidade a qual as sujeitas pesquisadas exploram e acentuam. Construída com medicamentos, próteses de silicone, pelo crescimento do cabelo ou pelas roupas femininas, evidenciando as mutações as quais o corpo passa durante a vida, podendo ser estas naturais ou produzidas artificialmente.

É com este corpo feminino que estas sujeitas paqueram, sempre nestes momentos escondendo ou negando os elementos masculinos que ainda resistem às transformações. Passam seus ensinamentos de uma travesti para outra, perpetuando as técnicas que burlam os caracteres masculinos que ainda resistem a exemplo da ereção peniana, mesmo que segundo elas afirmarem não ejaculem mais.

Mesmo com este trânsito entre as diversas camadas sociais e entre os diversos perfis masculinos, elas relatam ainda sofrer algumas formas de discriminação, especialmente durante o dia quando o mesmo sujeito que as procuram na noite passam com seus amigos e as esnobam ou difamam. Elas afirmaram que às vezes retrucam as ofensas, Sheilla em diversos momentos de sua fala disse “... ser travesti é muito difícil, se eu pudesse tirava meu peito e cortava meu cabelo (...) virava homem de novo, travesti é sofrimento demais...”.

#### **3.1. O corpo e suas mutações**

O corpo na contemporaneidade deve ser entendido como algo mutável, à disposição dos desejos dos indivíduos, por conta disso ele transforma-se em elemento de representação do ser no mundo. De acordo com Le Breton (1999) o corpo é a materialização das identificações do indivíduo, por isso é algo extremamente volúvel.

A questão da identidade, o que influenciaria o ser no mundo, logo a primeira vista pode ser interpretada como um elemento de escolha individual, entretanto o autor nos mostra que as escolhas individuais são também resultado da interação: eu-outro, ou também nós-outros, sendo assim permeado pelas relações sociais. O que Le Breton (1999) pontua é “A interioridade do sujeito é um constante esforço de exterioridade, reduz-se à sua superfície” (p. 29). A ‘superfície’ referida no texto é o próprio corpo do indivíduo, sendo esse a materialização das vontades (interioridade).

Neste sentido a busca pela feminilidade, tão cultuada por Michele e Sheilla, configura o corpo como um acessório, passível de constantes transformações, e é o

elemento que regula a relação indivíduo-social, pois é através do ser feminino que elas acreditam terem maiores chances para conquistar os bofes.

### **3.2 O legado das travestis**

As sujeitas pesquisadas utilizam um código que é passado para outras gerações, conforme percebido durante a pesquisa, neste sentido são percepções corporais, negação de elementos masculinos, forma de andar, de se comportar durante a paquera, entre outros fatores que podem ser entendido como técnicas. Neste tocante Marcel Mauss (2003) revela que a técnica é “... um ato tradicional eficaz (e vejam que nisso não difere do ato mágico, religioso, simbólico). A técnica precisa ser tradicional e eficaz. Não há técnica e não há transmissão se não houver tradição” (p. 407). Dois elementos destacam no fragmento, tradição como um elemento regulador da relação entre os indivíduos, obtendo um caráter muitas vezes normativo, e a eficácia do uso desta técnica, caráter prático.

Já em relação a noção de corpo, o autor nos diz “... é o primeiro e o mais natural instrumento do homem. Ou, mais exatamente, sem falar de instrumento: o primeiro e o mais natural objeto técnico, e ao mesmo tempo meio técnico, do homem, é seu corpo (p. 407). Segundo o excerto para Mauss o corpo deve ser entendido como o primeiro elemento da técnica, sendo este adestrado, para se conseguir uma eficácia.

Nesta lógica tanto Sheilla e Michele, cada uma a sua maneira, transmitem para a sua “prole” (travestis e homossexuais recentes assumidos), técnicas e formas de comportamento, de como agir ou a melhor maneira de paquerar, quando perceber que o bofe não está querendo nada, como sair de uma situação perigosa e outras coisas. Essa prole aceita tais elementos anunciados por Sheilla e Michele e quase sempre as seguem à risca, pois querem se inserir no meio homossexual, assim como conseguir parceiros sexuais com maior facilidade.

A transmissão da técnica passa pela orientação dos hábitos entre as gerações, sendo este imitado através de atos bem-sucedidos. Mauss também evidencia que “... uma habilidade manual só se aprende lentamente. Toda técnica propriamente dita tem sua forma” (p. 403). Pode-se completar este fragmento dizendo “e seu tempo”, uma vez que a técnica além de ser uma transmissão é uma habilidade, e a para sua eficácia requer tempo.

Por isso, segundo Sheilla “... para se tornar uma travesti tem que ter paciência, a bunda, o peito, não virá de um dia para noite (...) se alguém quer ser travesti tem que insistir, fora que ser travesti não é só ter peito e bunda, travesti vai além, tem que ser travesti...”. A fala da sujeita evidencia a questão do tempo e nos mostra que as mudanças não são apenas corporais, elas perpassam elementos subjetivos que transformam uma pessoa biologicamente masculina em um ser com a identidade de gênero feminino.

### **3.3 Com o amanhecer vem também a invisibilidade e a violência**

De acordo com as pessoas participantes desta pesquisa: é durante o dia que ocorre os maiores atos violentos, como piadas, arremessos de coisas contra as mesmas, desaforos e outros, mesmo que a maioria dos agressores ou envolvidos nestes atos violentos, sejam os mesmos rapazes que as procuram a noite, ou os que cedem a paquera feita por elas.

De acordo com Goffman (1980) a sociedade imputa marcas às pessoas, no caso a sociedade para o indivíduo, levando ao agrupamento dos estigmatizados, com isso dar margem a inversão desta relação, passando-se então indivíduo (estigmatizado) cobrando direitos e transformação no trato social.

Foi a busca de um tratamento igualitário que fez Michele solicitar ao seu superior na empresa de limpeza da cidade de Itabaianinha, a utilização de seu nome social, conforme ela chama “... nome de guerra...”, com isso aboliu do seu trabalho o nome de registro.

Em relação às marcas feitas pela sociedade sobre o indivíduo, Goffman (1980) irá trabalhar com duas categorias analíticas: a *identidade social real* e a *identidade social virtual*. A primeira são os atributos que o indivíduo realmente possui, exemplo: um defeito na orelha, no nariz entre outros, já a identidade social virtual é uma “... imputação feita por um retrospecto em potencial” (p. 12), neste caso são elementos imputados pela sociedade ao indivíduo.

O autor evidencia que a importância do estudo sobre o estigma não é puramente detectar atributos que desqualificam determinado indivíduo ou grupo, e sim, como que os atributos atrelam-se aos estereótipos e como este aparece na teia social, segregando os sujeitos. Conforme o autor destaca “Um estigma é, então, na realidade, um tipo especial de relação entre atributo e estereótipo” (p. 13).



É na tomada de consciência de que é possuidor de um estigma, quer por um indivíduo ou um grupo, a relação passa a ser indivíduo-sociedade, os estigmatizados impõem em determinado grau, suas considerações à sociedade. Tal inversão passa pela dimensão da desvantagem em relação aos normais e também pela constante vitimização (GOFFMAN, 1980).

A “solidariedade”, entre os estigmatizados, descrita por Goffman (1980) pode ser notada em: no aviso que uma travesti dá a outra sobre determinado bofe, a ajuda que uma dá a outra em casos de agressão física, como por exemplo, irem juntas a delegacia, em casos extremos algumas vão brigar fisicamente com bofes, situações descritas ao longo da pesquisa.

#### **4. Considerações Finais**

De acordo com o exposto na comunicação pode se inferir que as travestis conquistam o seu parceiro sexual através da feminilidade de seus corpos e se afastando o quão for possível dos elementos biológicos masculinos. Esta percepção torna-se positiva também para as sujeitas, uma vez que sua identidade de gênero é feminina.

Neste sentido, a fala de uma das sujeitas que aparece no título do artigo “Gosto quando me tratam como mulher na cama...” contempla o quão prazeroso é ver no outro um homem e nela uma mulher, sem nada de diferente ou estranho dos seres biologicamente femininos.

A busca pela feminilidade é constante para as duas sujeitas analisadas, uma vez que ambas recorrem a artifícios como: roupas, calçados, maquiagem, forma de falar, sentar, entre outros, que as deixam cada vez mais femininas, cada vez mais mulheres.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

GOFFMAN, Erving. Estigma e Identidade Social. In: **Estigma**: Notas sobre a Manipulação da Identidade Deteriorada. Tradução: Márcia Bandeira de Mello Leite Nunes. 3ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1980.

LE BRETON, David. O corpo acessório. In: **Adeus ao corpo**. RJ: Papyrus, 1999.

MAUSS, Marcel. As técnicas do corpo. In: **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: Cosac Naify, 2003.

SIMMEL, Georg. **Filosofia do amor**. Tradução Luís Eduardo de Lima Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 1993